

O PLANO MOSTRA :03

programação da cinubiteca | www.labcom.ubi.pt/cinubiteca | universidade da beira interior | licenciatura em cinema | 23.novembro.2004 | ciclo {Vincent Gallo}



BUFFALLO '66

1998 . EUA . 120'

realização

Vincent Gallo

argumento

Vincent Gallo

Alison Bagnall

música original

Vincent Gallo

montagem

Curtiss Clayton

produção

Chris Hanley

intérpretes

Vincent Gallo

Christina Ricci

Rosanna Arquette

Anjelica Huston

...

Quanto custa um filme como *Buffalo 66*? De quantas mãos e meios necessita para existir? Superficialmente, poderemos constatar que este é um filme de um homem orgulhoso e capazmente solitário? De facto, Gallo desdobrou-se – mais ainda em *Brown Bunny!* – como quem se multiplica a todos os níveis no cumprimento das mais *essenciais* funções cinematográficas. A sua obra parece ser a de um homem com a noção presente de que o cinema não mais carece de buscas incessantes por benefícios de políticas subsidiárias ou de mecenato; de pactos milionários com empresas produtoras, instituições industriais e autocráticas, vulgarmente injustas para as entidades verdadeiramente criadoras; dos códigos de conduta e cânones do cinema. Apercebeu-se Gallo, e tão cedo quão todos nós, de que o cinema está *cada vez mais potencialmente* individual, livre e universalizado?

Certamente que Gallo, como alguns, não terá vindo ao Mundo, como muitos, só para ser simpático. Também não será, na verdade, um ser exacerbado que despreza os outros. Antes pelo contrário, Gallo importa-se, preocupa-se... simplesmente quer trabalhar sozinho! (ou quase...)

Gallo fala inglês com sotaque e os ambientes, elementos e hábitos das suas peculiares narrativas lembram-nos algo, um algures, um algures distante mas próximo e conhecido. Estados Unidos. Da América. Do Norte. Do G7 mais a Rússia. Do dólar convertido em valor humano e em crença global e sacrossanta. Do *Uncle Sam*, velho executivo atento aos interesses micro e macroeconómicos da sua empresa. De Hollywood, suposta Meca antiga e moderna de uma suposta arte. Das produções megalómanas, massificantes e revoltantemente lucrativas. Das linhas de produção seriada indevidas ao cinema. Dos planos milionários. Do espectador esquecido de si. Dos comedores de pipocas. Das ideias redundantes, repetidas, rebuscadas, entretanto quase esgotadas. Do *Titanic*. E de Vincent Gallo...

Não nos entreguemos, por qualquer razão, a generalizações e preconceitos. Efectivamente, os E.U.A. constituem um país enorme, múltiplo e complexo. Uma das melhores provas disso é o facto de, naquela mesma dimensão, surgir o melhor e o pior da breve História da Cinema. Os E.U.A.

concebem em si conceber algo e o seu oposto! E justificado mais este ponto falemos do autor notável e notável jogador de *bowling* de quem falamos.

Duas longas-metragens recentes: *Buffalo 66*, 1998, E.U.A., 120'; *Brown Bunny*, 2003, E.U.A., 93'. (quanto melhor não seria apresentar este último...)

Vincent Gallo é autobiógrafo do seu lado escuro e remoto ou, simplesmente, um excelente fingidor? Em todo o caso, meritório actor. Concluo isto do teor extremamente frontal que ele nos apresenta de uma forma extremamente directa, do intimismo, ou seja, da veracidade com que é capaz de nos comunicar a dimensão psicológica daquela personagem (e outras). Este é, simultaneamente, um autor realista e interior. O seu contexto é quotidiano, as suas personagens mundanas, a ideia já vista (ou talvez não...). Disto se *alimentam* as narrativas coloquiais de Gallo: do mais óbvio e diário (ou talvez não...) surgem argumentos que são retratos da dimensão humana, retratos plenos de inevitabilidade, irreversibilidade, fatalidade, ricos em conflito, em estados psicológicos alterados, em dilemas mais absolutos ou mais concretos, em traumas e psicoses contemporâneas – entre outros – e, finalmente, em puro Amor e cruel Verdade. Ousaria, deste modo, acusar Gallo de Humanismo...

Formalmente, também não se perde a originalidade deste autor. A sua realização aparenta ser espontânea e até mesmo descuidada. No entanto, quão adequadamente recebemos todos aqueles semblantes mutilados por maus enquadramentos, aquela focagem tão granulada que quase não o é, aqueles tons e movimentos quase ébrios, isto é, alternadamente, frenéticos ou amodorrados? Gallo é mais um dos autores que ousa desafiar a nitidez que insistentemente se atribui à Vida, à Realidade. Não é, de resto, a primeira vez que se assiste a este conflito na História do Cinema...

Estamos, para que não o esqueçamos, perante um autor e o seu conceito. Constituirão estes mais um paradigma, mais uma via para o cinema e os seus autores no início do século XXI.

:Tiago Sousa



EXIBIÇÃO

23.novembro > 18h00

cinubiteca {anf.1}

PRÓXIMA EXIBIÇÃO

02.dezembro > 16h00

Swimming Pool de François Ozon

